



XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE

25 a 28 de setembro de 2013

Campo Grande- MS

fotos: Paulo Yuji Takarada

“... tornar-se analista não é só cumprir uma meta para ter uma profissão, é saber pensar a psicanálise, mas é também ter amor com o seu fazer”

A desconstrução
(construção) do analista
Vera Marcia Ramos

pág. 4

“... difícil para nós sermos contemporâneos de nós mesmos pois isso implica nos tornarmos testemunhas de nosso próprio envelhecimento”

Testemunhar o contemporâneo
Marcio de F. Giovannetti

pág. 6

“A maciça busca de imagens para dar conta de um esvaziamento da linguagem já nos dá uma noção das profundas transformações ocorridas na subjetividade humana.”

Paixão e fobia nos tempos de hoje
Sérgio Eduardo Nick

pág. 9

palavras da presidente

GLEDA BRANDÃO COELHO MARTINS DE ARAUJO

Queridos colegas,

Ano passado a diretoria da FEBRAPSI apoiou e participou ativamente de inúmeros eventos em diferentes Federadas, em alguns deles já divulgando o XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise que ocorrerá na cidade de Campo Grande em setembro próximo. Iniciamos os trabalhos do corrente ano fazendo uma reunião com todos os presidentes e o Consultor contratado pela FEBRAPSI, para elaborar diagnóstico da nossa Federação e sugerir mudanças que promovam maior agilidade e funcionalidade. Assim que recebermos o relatório do Consultor, ele será enviado às Federadas para que possam discuti-lo e fazer sugestões.

A Comissão Organizadora do Congresso está trabalhando com as propostas e ideias enviadas pelas federadas e também tem recebido solicitações e demandas de participação não só de colegas brasileiros, como também de colegas da América Latina, demandas essas que nos fazem prever que o Congresso será um evento cientificamente rico e

plural. Dentro em breve todas as informações relativas ao Congresso estarão disponíveis em nosso site.

Mas, antes de nosso Congresso, teremos três eventos que, embora diferentes em suas finalidades, são de extrema importância e requerem nossa participação ativa; o primeiro é o Conselho de Presidentes da FEPAL, que terá lugar em Buenos Aires nos dias 26 e 27 de abril, em que os presidentes latino-americanos se encontrarão para discutir a psicanálise em nosso continente e levar propostas de trabalho. Como já é tradição, faremos antes do Conselho uma reunião com os presidentes brasileiros. Outro evento é a eleição dos representantes no *board* da IPA. Até 31 de maio podemos votar e escolher os 7 representantes latino-americanos. É fundamental que votemos para que tenhamos voz e representatividade na Associação Internacional. Os nomes dos postulantes ao cargo e as regras para votação estão disponíveis no site da IPA e também neste jornal. E, em julho, acontecerá o

48º Congresso Internacional em Praga, no qual a participação também é importante. Enviei aos presidentes a solicitação da colega Elizabeth Lima de Rocha Barros, que faz parte do Comitê de Programa, para que fossem enviados a ela os nomes de colegas que irão a Praga e que são fluentes em um dos quatro idiomas oficiais da IPA, para que possam atuar como moderadores nos Grupos de Discussão. Portanto, essa será uma excelente oportunidade de vermos brasileiros participando ativamente do Congresso.

Abraços e até o próximo número.



Sociedade Psicanalítica de Mato Grosso do Sul (SPMS)



FEDERADAS E PRESIDENTES

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) Nilde J. Parada Franch
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) Judit Letsche
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) Celmy de A.A. Quilelli Correa
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) Viviane Sprinz Mondrzak
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPR) José Fernando de Santana Barros
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB) Carlos de Almeida Vieira
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) Helena Ardaiz Surreaux
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel) José Francisco Rotta Pereira
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SPRP) Rachel B. Lomônaco Beltrame
Associação Psicanalítica do Estado do Rio de Janeiro (APERJ Rio-4) Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS) Lenita Osório Nogueira Araujo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Minas Gerais (GEPMG) Sérgio Kehdy
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia (GEPG) Delza Maria da Silva Ferreira de Araújo
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Fortaleza (GEPFor) Paulo Marchon
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEPCampinas) Nelson José Nazaré Rocha
Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC) Marcio Antonio Johnssso

DELEGADOS

Ambrozina Amalia Coragem Saad.
Andreas Zschoerper Linhares
Ana Cláudia G.R. de Almeida
Ana Paula Terra Machado
Carlos de Almeida Vieira
Celmy de A.A. Quilelli Correa
Christine Marques Castro Vinhas
Delza Maria da Silva Ferreira de Araújo
Eleonora Abbud Spinelli
Gisèle de Mattos Brito
Hang Ly H. de Ikegami Rochel
Helena Ardaiz Surreaux
José Francisco Rotta Pereira
José Fernando de Santana Barros
Judit Letsche
Lenita Nogueira Osório Araujo
Luis Tenório de Oliveira Lima
Marcio Antonio Johnsson
Maria Adelaide da Cunha Neves Leonardo
Maria Arleide da Silva
Maria de Fátima Chavarelli
Nelson José Nazaré Rocha
Nilde J. Parada Franch
Paulo Marchon
Paulo Quinet de Andrade
Rachel B. Lomônaco Beltrame
Roberto Calil Jabur
Ronaldo Mendes de Oliveira Castro
Sergio Antonio Cyrino da Costa
Sérgio Kehdy
Viviane Sprinz Mondrzak

CONSELHO PROFISSIONAL

Diretora: Ana Paula Terra Machado (SBPPA)
SBPSP - Alícia B. Dorado de Lisondo
SPRJ - Paulo Lessa
SBPRJ - Wania Cidade
SPPA - Rudyard Emerson Sordi
SPR - Maria Crisales Lima Rezende
SPB - Sylvain Nahum Levi
SBPdePA - Beatriz Saldini Behz
SPPel - José Francisco Rotta Pereira
SBPRP - Maria Auxiliadora Campos
APERJ Rio-4 - Sergio Antonio Cyrino da Costa
SPMS - Ana Deise Leonardo Cardoso
GEPMG - Eliane de Andrade
GEPG - Daniel Emídio de Souza
GEPFOR - Roberto Nóbrega Teixeira
GEPCampinas - Hang Ly H. de Ikegami Rochel

NÚCLEOS

Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo Psicanalítico de Natal
Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico de Florianópolis
Núcleo Psicanalítico de Aracaju
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo Psicanalítico de Santa Catarina

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Bernardo Tanis (SBPSP)
Editora Associada: Alice Paes de Barros Arruda

JEAN-BERTRAND PONTALIS

MARÍA LUCILA PELENTO

Com tristeza, mas acompanhados por sua obra profunda, sensível e rica, recebemos a notícia do falecimento de J.B.Pontalis na noite de 14 para 15 de janeiro deste ano, no mesmo dia em que completava 89 anos.

Filósofo, aluno de Sartre, estreitamente vinculado a Merleau Ponty, psicanalista, analisado por Lacan, co-fundador da Associação Psicanalítica Francesa, diretor da *Nouvelle Revue*, autor com Laplanche do Vocabulário de Psicanálise, leitor e editor da Gallimard, leitor profundo da obra de Winnicott, escritor de obras psicanalíticas e de ficção, ocupa um lugar importante na cultura e, para muitos de nós, em nossa formação profissional.

Preocupado com a perda da metáfora, que a avalanche da linguagem instrumental havia corroído, centrou seu interesse em revitalizar a linguagem, o que aproximou de sua obra muitos leitores e, talvez tenha distanciado outros incomodados por um estilo de linguagem no qual o aspecto literário parece ocupar demasiado espaço. A aqueles que se aproximaram também elucidou, com cuidado, o estilo de transmissão das ideias presentes em seus escritos, fundamentalmente em duas de suas obras: *"De temps qui ne passe pas"* (1997) e

"Fenêtres" (2000).

No primeiro, a transmissão se efetua vinculando suas ideias a uma série de conceitos metapsicológicos, mas sem se manter em um nível abstrato: seus conceitos estão encarnados, não em vinhetas, e sim em "aforismos", quer dizer, em frases curtas que tendem a "fazer tudo caber em uma só fórmula". Um exemplo é o da paciente à qual em dado momento ele disse: "Ah! A viuvez, que longo exílio...", condensando em seis palavras uma longa série de perdas e de experiências vividas como exílios e despejos.

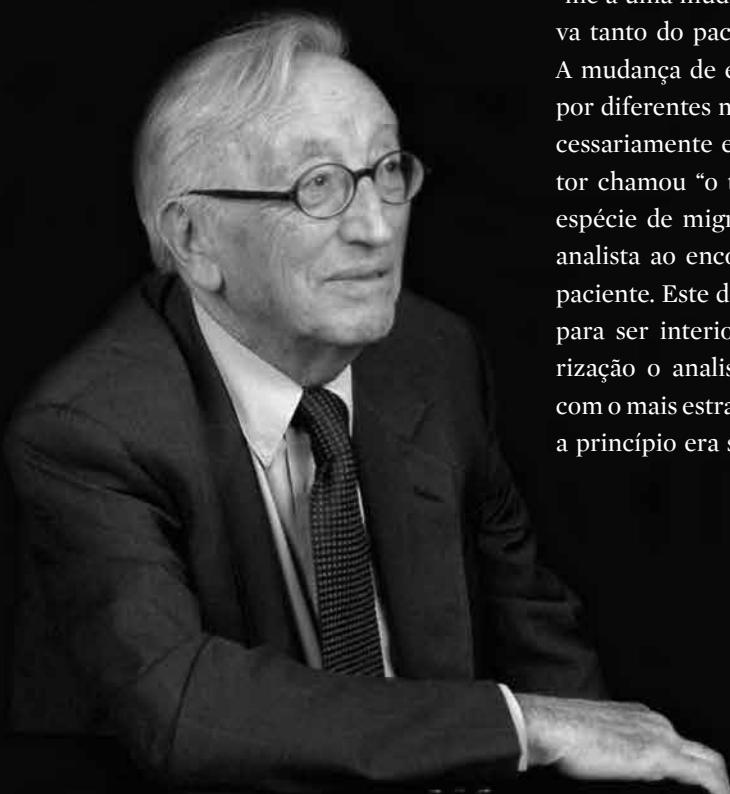
Em "Fenêtres", Pontalis nos coloca em contato com outro modo de transmissão de suas ideias. Para tanto, coleta pensamentos a partir de palavras faladas pelos pacientes, de perguntas que ocorrem nas supervisões, de palavras que são pouco usadas, ou outras que estão na moda, ou a partir de expressões triviais. Mas também relatando tudo que vem à sua mente em diferentes encontros. Essa transmissão é feita com palavras que pertencem a uma linguagem muito próxima da linguagem do self da qual falou Valery, uma linguagem mítica que carrega a riqueza sensorial. Com diferentes pinceladas nos aproxima de uma prática em que a vivência do paciente e a do analista informam sobre o trabalho de transformação de ambos. Refiro-me a uma mudança de posição subjetiva tanto do paciente como do analista. A mudança de estado do analista passa por diferentes momentos, mas deve necessariamente enfrentar o que este autor chamou "o teste do estranho", essa espécie de migração que se produz no analista ao encontrar-se com um novo paciente. Este deixa de ser um estranho para ser interiorizado e nessa interiorização o analista vai se identificando com o mais estranho desse paciente que, a princípio era só um estranho, alguém

com quem ele não tinha nada que ver.

Outra particularidade deste autor tão profundamente interessado pela obra de Winnicott é não optar por escolhas binárias quando se apresentam perguntas incomodas, mas necessárias, tais como: A quem se dirige a transferência, ao grande Outro ou a esse ser que tenho ao lado? A contratransferência é interferência da equação pessoal, ou ela informa? Em nossa tarefa, observamos ou escutamos? Nesses casos, seu pensamento desliza por um espaço sem fronteiras em que a resposta pode ser isso e aquilo, espaço da ambigüidade produtiva em que Merleau Ponty trabalhou dentro do campo da filosofia e foi descoberto em nossa disciplina por Winnicott como espaço transicional. Lendo os textos de Pontalis vai-se delineando uma determinada figura de analista: um analista aberto, exposto às paixões e excessos do paciente, e não fechado em teorias. Um analista que se deixa usar pelo paciente, mas que também sabe se desprender, ocupado na formidável tarefa de unir a carne ao espírito, um analista que sabe que nunca deixamos de jogar o jogo do carretel. Capaz de registrar em quais palavras do paciente se reconhece, com quais pacientes não se deve trancar em um silêncio mortal quando seu trabalho lhe traz irritação, e quando um raio de luz indica um caminho através de uma imagem, imagem que o autor, às vezes, de forma surpreendente, chama de "aparição".

Um analista que, na minha opinião, também nos deixou como legado uma questão crucial: o que aconteceria se o que eu aprendi me impedisse de escutar?

Associação Psicanalítica Argentina (APA)



A DESCONSTRUÇÃO (CONSTRUÇÃO) DO ANALISTA

VERA MARCIA RAMOS

Agradeço o gentil convite de Nilde Parada Franch para escrever um texto sobre a construção do analista. Quando recebi o convite pensava nas limitações com que nos deparamos em muitos momentos de nossa clínica e de nossa vida. Refleti na dificuldade de pensar em construção quando estava lidando com desconstrução. No entanto ao escrever o texto percebi a desconstrução fazendo parte de um processo, e abordei então a desconstrução do analista tradicional e o surgimento do psicanalista moderno.

Em um de seus últimos trabalhos sobre técnica psicanalítica “*Análise terminável e interminável*”, Freud demonstra seu ceticismo em relação às ambições terapêuticas da psicanálise. Suas limitações são constantemente acentuadas, insistindo nas dificuldades do procedimento e nos obstáculos que se opõem à sua realização. Longe de estimular a idealização da psicanálise e de suas idéias, aponta para as dificuldades que são interpostas no seu caminho, para alcançar o término da análise. Em trabalho anterior já havia alertado contra a onipotência do analista, desejoso de obter com o paciente resultados milagrosos em curto prazo. Questiona o próprio analista, demonstrando que um dos componentes que influenciam as perspectivas do tratamento psicanalítico é a individualidade do analista. Recomenda análise do analista para as modificações necessárias em sua personalidade para desenvolver a sua profissão, que o qualifiquem como analista. Já aí Freud define uma das pedras angulares da psicanálise.

Os trabalhos finais foram escritos por um Freud que envelhecia, sofrendo as dores do câncer, a crise econômica que assolava a Áustria e a Europa, o anti-semitismo, a ascensão do nazismo. Percebia as limitações da psicanálise, e os limites da sua vida. Começara já aí a desconstrução do analista ideal e da psi-

canálise idealizada.

Após a sua morte nos anos pós-guerra, novas teorias e novos autores passaram a ter mais predomínio. A idealização da psicanálise para a qual Freud havia alertado ressurgiu com os analistas desse período. Para estes a psicanálise teria uma explicação para todos os fenômenos e seria uma visão de mundo. Alguns conceitos teóricos propunham uma técnica altamente idealizada e bastante rígida em seu seguimento, que levaria a mudanças estruturais. Por um lado essas teorias trouxeram um avanço no desenvolvimento das idéias psicanalíticas, porém estou tentando ressaltar o componente idealizado.

Uma das influências teóricas importantes do período são as escolas derivadas da teoria do ego, que propunha em seus fundamentos uma técnica específica, com as seguintes recomendações: uma seqüência interpretativa da superfície à profundidade, a resistência permanentemente interpretada, e análise cuidadosa das defesas. A postura do analista era impessoal e a técnica rígida. Esse tipo de fundamento ocorria em outras teorias da época como as teorias de relação de objeto que também tiveram as suas técnicas seguidas com critérios bastante rígidos.

Esses procedimentos acabaram gerando a idealização do analista pelo paciente. Essa idealização reforçava o aspecto narcísico do analista, dificultando que ele próprio pudesse se ver como ser humano, nem melhor nem pior que a média dos indivíduos. Um aspecto que reforçava esse quadro era o isolamento trazido pela profissão, na qual o sujeito está a maior parte do tempo voltado para dentro, exacerbando as tendências narcisistas e dificuldades de auto avaliação. Era comum uma tensão que se criava entre as exigências do ideal do ego do analista, que habitualmente tendem a ser mais elevadas e as suas capacidades

reais, tanto na vida profissional quanto na pessoal. Essas exigências que habitualmente surgem no analista, quando em ambientes institucionais como nas sociedades psicanalíticas, eram projetadas, transformando colegas ou dirigentes em censores ou críticos, acrescentando uma carga paranóide à tendência narcísica. Era comum um clima persecutório vivido nas instituições psicanalíticas, fator esse reforçado pela própria instituição que alimentava esses aspectos.

Muitas análises não conseguiam acompanhar as novas teorias que surgiam e geravam desconfianças na sua aplicação e o desconhecimento do seu manejo. Com isso muito das análises eram incompletas em uma técnica que foi criada principalmente para o tratamento de neuróticos, por não contemplarem especialmente o aspecto narcisista, mesmo no paciente neurótico.

A idealização por sua vez tendia a criar uma submissão do analisando ao analista. Essa submissão muitas vezes dificultava o desenvolvimento do analisando e o seu crescimento. No caso de uma análise didática, essa dificuldade gerava conluios transferenciais que impediam a liberdade e a libertação do analisando, perpetuando esse modelo de relação.

As mudanças que ocorreram na cultura gerando a chamada crise da psicanálise provocaram uma diminuição na demanda de pacientes para análise, bem como uma redução de candidatos procurando formação psicanalítica. O aumento na clínica do número de pacientes mais graves criando limitações para alguns modelos teóricos vigentes promoveu um avanço das teorias psicanalíticas com suas respectivas modificações na técnica e trouxe consigo novos conhecimentos. Casos mais graves como os quadros limite, patologias narcísicas surgiram cada vez mais nos consultórios. A psicanálise se ampliou para

atendimento de criança e adolescentes, e também de casais e de famílias. Esses casos necessitavam de novas abordagens bem como de técnicas específicas.

Isso criou uma nova realidade para os psicanalistas. Tiveram de lidar com a perda da onipotência, e se dar conta das limitações e novos obstáculos em seu caminho. Por outro lado promoveu a desidealização da psicanálise, contribuindo para que os analistas se vissem de forma mais verdadeira, como seres humanos e menos submetidos às regras técnicas rígidas, permitindo uma maior liberdade ao analista.

Mas e esse analista como vem se construindo?

Cada vez mais observamos as atenções voltadas para o que acontece com a dupla analítica na sala de análise. Tradicionalmente se observava o que ocorria com o paciente, o aspecto intra-psíquico. Acreditava-se que o analista era um observador objetivo dos fenômenos que ocorriam com seu paciente. Os trabalhos de contratransferência que inicialmente eram vistos como patologia do analista, demonstraram que os sentimentos dos analistas poderiam ser utilizados para entender melhor o que se passava na situação analítica, bem como poderiam ser utilizados para contribuir com a análise. O psicanalista a partir desses trabalhos passou também a ser objeto de estudos da psicanálise. Aquilo que ocorre dentro dele e da sua mente passou a ser visto como fazendo parte do processo. Bion foi um dos primeiros autores a mostrar que o importante era a relação analítica, dando uma dimensão intersubjetiva à análise. Alguns autores como o casal Barranger utilizaram a teoria de um campo se formando influenciando dupla e sendo influenciada por ele.

Em decorrência desse vários fatores citados a relação analítica foi se democratizando cada vez mais. Com isso não pretendendo dizer que há uma igualdade na relação analista e analisando, pois acredito que há uma assimetria entre a po-

sição do paciente e do analista. A voz do paciente passou a ser mais considerada já que ambos fazem parte da dupla.

O analista que era uma figura passiva recebendo as comunicações do paciente e interpretando, tornou-se mais ativo. Não só deixou de ser o analista idealizado e encastelado em sua posição como passou a participar mais do processo do qual ele é co-participante. Com a evolução das teorias ficou menos aprisionado aos dogmas e rigidez da técnica, fazendo as modificações necessárias ao bom funcionamento da clínica.

A utilização da própria personalidade para se aproximar do paciente, especialmente em casos de pacientes difíceis ou limites tornou possível a singularidade do analista ser considerada. A criatividade do analista, utilização do humor, cinema como abordagem ao paciente passaram a ser bem mais aceitos como forma de compreender melhor e lidar com questões tão difíceis para o tratamento.

Percebo que procurei fazer uma visão histórica de modificações que ocorreram com os analistas, desde uma desconstrução dos analistas tradicionais até a construção dos analistas modernos. Acredito que o tripé fundamental da formação psicanalítica continua análise, supervisão e o curso teórico que deve ser pluralista, fundamentado na teoria freudiana, contemplando as várias teorias e as patologias atuais. Acho que tornar-se analista não é só cumprir uma meta para ter uma profissão, é saber pensar a psicanálise, mas é também ter amor com o seu fazer. Penso que um analista está sempre se construindo. Um dos aspectos que considero fundamentais para isto é a sua experiência clínica.

Acredito também que o psicanalista não pode estar isolado do seu meio social bem como dos seus pares analistas. Várias instituições psicanalíticas passaram por modificações que a tornaram mais democrática. Isto vem permitindo a discussão mais franca entre os membros assim como dos membros com as diretorias, podendo os problemas ser

admitidos e quando possível resolvido. Essa comunicação aberta respeitando as diferenças cria um clima de crescimento institucional.

Percebemos em nossa instituição a construção desse espaço democrático em várias atividades, mas vou destacar as supervisões coletivas. Estas são uma atividade do Instituto de Ensino, onde os casos clínicos dos candidatos são apresentados com dois supervisores. Esse relato parece semelhante ao que acontece em vários encontros clínicos! Há diferenças: o material clínico é visto na hora da reunião pelos supervisores e participantes, em uma tentativa de tornar a postura do supervisor igual a todos os participantes, sem um conhecimento prévio do material a ser supervisionado. A proposta da discussão é que ela possa ser o mais solta possível, a comunicação aberta e franca, onde visões teóricas diferentes sobre o material clínico possam se manifestar, tornando as reuniões enriquecedoras servindo como aprendizagem para ambos, candidatos e analistas, em resumo trocas prazerosas como pode ser o encontro analítico.

Para finalizar, a desconstrução bem com a construção do analista é um processo dialético ocorrendo permanentemente. Através dos pacientes, os estudos do analista, o ensino, o contato com os colegas e a instituição o crescimento se realiza. Diferente de um prédio, cuja construção se inicia e termina o analista está sempre em um processo de construção. Vimos também como a desconstrução permite algo novo surgir.



Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SBRJ)



TESTEMUNHAR O CONTEMPORÂNEO

MARCIO DE F. GIOVANNETTI

1. Em “*O que resta de Auschwitz*”, Giorgio Agamben, percorrendo a trilha aberta por Primo Levi em “*É isso um homem?*”, desenvolve uma profunda reflexão a respeito do testemunho. Com uma visada arqueológica, ele retoma os dois diferentes termos latinos - *testis* e *superstes*- cujos significados ficaram imbricados nas línguas ocidentais, enfatizando que, enquanto o primeiro se aplicava fundamentalmente num escopo jurídico, o segundo, *superstes*, abrangia toda uma gama de significados associados a aquele que vivenciou um acontecimento. E é este o sentido privilegiado por Agamben, radicalizando assim o testemunho na figura do “*musulman*”, aquele que sobreviveu ao campo de concentração, mas que, por ter vivenciado a mais radical das experiências, “*a contemplação da face da Górgona*”, torna-se incapacitado enquanto narrador, necessitando de um terceiro para dar voz à sua experiência. O testemunho está assim situado em um ‘para aquém’ ou ‘para além’ da fala. É a própria existência nua em sua corporeidade mais fundamental, uma aporia, portanto.

2. “*O que é o contemporâneo?*” pergunta Agamben em um precioso artigo publicado em 2009 (in Nudità, 19-32, Nottetempo). Suas considerações apontam para a complexidade de seu significado: trabalhando com uma temporalidade não homogênea e não diacrônica, não domada por assim dizer, ele re-significa o tempo do agora como a selvageria inerente ao presente, seja ele de que tempo for. Tomando como

emblema a belíssima metáfora construída por Ossip Mandelstam em seu poema “*O Século*” [1], de 1923 - o tempo como a coluna vertebral fraturada de uma fera que avança olhando para trás - ele resgata, ao mesmo tempo, a leitura que Walter Benjamin fez do “*Anjo da História*” de Paul Klee. “*Bela era lastimável*”, a deste século fera que “*virando seu torso à procura de seus próprios passos*” desafia aquele que o olha nos olhos a “*colar com sangue a fratura de suas vértebras*”.

3. Violência, não domesticidade, é a cifra do contemporâneo agambeniano. A mesma violência do intempestivo nietzchiano que implica uma fratura, uma desconexão com o próprio tempo: “é aquela relação com o tempo que adere a ele através de uma fratura e de um anacronismo”, nas palavras de Agamben. Daí a ousadia requerida para olhar, para testemunhar o contemporâneo. Para ser testemunha, não de suas luzes, mas de sua obscuridade, sua fratura com aquilo que já foi. Por isso, por se tratar de encarar os próprios medos e o mundo em expansão, são tão raros os contemporâneos. É sempre mais fácil olhar para o brilho remanescente de estrelas que há muito se extinguiram. O contemporâneo é assim como a escuridão que vemos no céu à noite: o resultado de galáxias ainda ativas que viajam velocíssimas em sentido contrário a nós, impedindo que sua luminosidade nos atinja... Questão essencial para o psicanalista, pois amplia e torna mais complexo o entendimento do “*aqui e agora*” de nossa clínica. Não é essa também a

mensagem “*que jorra da garganta*” de nossos pacientes de hoje que, situados num mundo organizado pelo ciberspaço, colocam em questão a todo momento muitas de nossas convicções? Em “*Sobre Migrações e Transferências*” (2011, RBP, vol45, n2) abordei a análise possível de um jovem que me parece paradigmática destas “*horas novas*”, desses novos tempos.

4. Em “*Estâncias*” (2007, Ed. UFMG), Agamben faz uma preciosa aproximação entre o objeto perdido do melancólico, objeto narcísico por excelência, e o objeto do fetichista, o falo materno, enfatizando que nenhum deles jamais existiu de fato. Fazer o luto de muitos de nossos conceitos é a tarefa mais urgente para o psicanalista contemporâneo. Quantos deles não são mais do que precipitados do caráter e da leitura que nossos mestres fizeram dos textos originais, fetichizados a seguir, por nossas fratrias institucionais? Os totens ainda persistem em todas as nossas tribos, sejam elas psicanalíticas ou não. Para isso já nos alertaram Roustan, em “*Um destino tão funesto*” (1979, Paris, Ed. Minuit), Piera Aulagnier em “*Sociedades de Psicanálise e Analistas de Sociedade*” (1969, Topique) e, num belíssimo ensaio intitulado “*O Romance Psicanalítico. História e Literatura*” (História e Psicanálise-Entre Ciência e Ficção; Autêntica Editora, 2011), Michel de Certeau, doutor em Teologia, historiador e psicanalista: “Da Índia à California, da Georgia à Argentina, o freudismo é tão fragmentado quanto o marxismo. Formadas para defendê-lo contra os ava-

tares do tempo, as grandes instituições profissionais vão entregá-lo, de preferência, ao trabalho disseminador da história, ou seja, às divisões entre culturas, nações, classes, profissões e gerações; elas aceleram a decomposição do “corpus” de que se beneficiam. Negar esse fato seria ideologizar a teoria e/ou fetichizá-la. Desse modo, não haveria um “lugar adequado” que possa garantir uma interpretação exata de Freud” (pg. 93). Ou de seus seguidores, ajunto eu. Pois “a instituição garante uma localização, mas não uma autoridade” (pg. 93). Nada mais doloroso que encarar as cenas primárias de nossas frágeis e fraturadas identidades profissionais: “Frágil cartilagem de criança”, na belíssima metáfora de Mandelshtam. É para essa crise identitária que o contemporâneo nos convoca. É essa a reflexão para a qual a palavra viva de cada novo paciente arrasta o psicanalista que, de fato, se dispõe a escutá-la.

5. Há vários anos, logo após eu ter recebido a qualificação oficial de psicanalista, procurei-me uma mulher que se apresentava como muito doente. “Já quebrei os consultórios de vários analistas. Mas não se preocupe, pois meu marido paga todo o conserto e ele fica sempre mais bonito depois”. “O problema é que eu sempre tenho que trocar de analista, pois nem eu nem eles conseguimos nos ver depois do ocorrido”. Alguns anos depois, pude entender que o que ela queria quebrar não eram os móveis e objetos dos psicanalistas, mas sim aquilo que havia se cristalizado, se reificado em suas pessoas: por ter passado quase vinte anos com os mais variados analistas e em

sucessivas internações psiquiátricas, ela conhecia de cor todas interpretações possíveis das várias escolas teóricas. Com ela vivenciei uma desconstroção; graças a ela comecei a escutar mais os pacientes e menos os mestres. Hoje, mais de vinte anos depois, posso dizer que ela me apresentou, ao longo de muitos anos de profícuo convívio psicanalítico, aquilo que passei a chamar de “*função testemunho*” do analista, aquela que se situa para aquém da função interpretativa, no lugar mesmo do inarrável e que aponta para a violência inerente a toda existência humana. A violência emocional, aquilo que Freud chamou de pulsão.

6. *“Filipenso ao umbral de horas novas, todo ser, enquanto a vida avança, deve suportar esta cadeia oculta de vértebras”*: Em seu ensaio *Nudità*, Agamben, trabalhando com a questão do conhecimento, lança mão do mito bíblico da perda do paraíso, mostrando que quando Adão e Eva abrem os olhos, o que veem é apenas sua nudez. Não o conhecimento das coisas, como havia prometido a serpente. E o que é a nudez então? A própria cognoscibilidade, diz ele, aquilo que distingue o homem tanto dos animais quanto de Deus. Cognoscibilidade e testemunho formam um par constante, sendo a cola possível para a cadeia fraturada das vértebras de nossa história: a solda necessária para o umbral das “*horas novas*”. A *Aletheia* dos gregos, o desvelamento, por assim dizer.

7. Durante o primeiro ano de sua análise, foi frequente aquela paciente me narrar de forma caricatural falas e

atitudes de antigos analistas, denunciando com isso, sem dúvida, meus “*tiques psicanalíticos*”. Mas para além disso, ela denunciava o engano mais comum entre nós todos: o de tomar os conceitos dos mestres não como evidência de cognoscibilidade, mas como conhecimento mesmo, reificação daquilo que Freud chamou de inconsciente. O que seria melancólico ou, na melhor das hipóteses, fetichismo de nossa parte, transformando-nos em “*caçadores de um inconsciente perdido*”, meros arremedos de um Indiana Jones em busca da arca da Aliança. Para isso nós, analistas, devemos abrir os olhos, pagando o preço da perda de um paraíso edênico, mas única atitude possível para darmos testemunho da clínica contemporânea.

8. Chama a atenção, em nossa literatura, a quase inexistência de teorizações a respeito das fases terminais da vida em contraposição à enormidade de trabalhos que enfocam as fases primitivas do psiquismo humano, sintoma exemplar da imensa dificuldade que temos com o contemporâneo. Repetimos, todos, o aforisma freudiano que o Ego é antes de tudo corporal, mas parece que o único corpo que vemos é o do bebê. Nunca o do velho. Diante da dura realidade humana nosso olhar fica regressivamente contemplativo, como o de Adão antes da perda do paraíso, ou como o do fetichista que denega a castração, que, em sua radicalidade, nada mais é que a nossa mortalidade. O brilho do nariz que excitava o paciente de Freud, parece ainda ser mais forte do que a opacidade e a obscuridade da fala que emana do corpo envelhecido. Des-

de os gregos, contemplar a Górgona, a figura que só aparece de frente, o “anti-rosto”, é petrificante. Preferimos sempre ficar com os perfis iconográficos do corpo erógeno. Jamais cara a cara com o corpo mortal.

9. A atemporalidade do inconsciente, outro conceito extremamente complexo, fica aqui cristalizada num tempo mítico, de eterno retorno, e o psicanalista entretendo uma análise que mais se aproxima de uma religiosa promessa de vida eterna, praticamente transposição da sacralização da vida, conforme rezam os textos que tratam do Juízo Final: aos bem analisados o paraíso e a vida sem morte. Conluio inconsciente extremamente frequente em nossa tribo psicanalítica do qual o mote “*ele precisa de mais análise*” é a cifra: difícil para nós sermos contemporâneos de nós mesmos pois isso implica nos tornarmos testemunhas de nosso próprio envelhecimento. E, nessa mesma esteira, o que dizer de “*nossa sexualidade*”, se na grande maioria das Sociedades de Psicanálise não mais existem jovens, não existe a nova geração? A ideia psicanalítica não envelheceu, mas aqueles que somos seus portadores, sim. É fundamental não denegarmos este fato.

10. O último Congresso Latino Americano propôs como tema “*Tradição e Invenção*”. O próximo Congresso Brasileiro nos convoca para o “*Contemporâneo*” e para a celebração do centenário de “*Totem e Tabu*”. A ênfase está naquilo que, enquanto tribo, temos feito nos últimos cem anos, se temos estado identificados com o espírito originário ou se temos apenas canibalizado, incorporando de forma melancólica o “*corpus freudiano*”, repetindo ritos e honras mortuárias que, como a de nossos antepassados descritas em *Totem e Tabu*, tem mais a ver com nosso terror diante da morte do pai e da nossa própria, presenças altamente ameaçadoras para o mundo dos vivos. É preciso passar para a ordem simbólica, no aqui e agora de nosso tempo,

grande parte de nossos velhos hábitos profissionais. O “setting psicanalítico” me parece o mais urgente deles, pois é a expressão mais cotidiana e maior de nossa práxis. E simbolizar, passar para o registro simbólico é algo muito diferente de ficarmos capturados em números: 5, 4, 3, 2 ou 1, qual a cifra exata para o ato analítico? 3 meses, 5 anos, uma reanálise a cada 5 anos? Discussão improdutiva, porque extemporânea. A palavra latina “*seculum*” tinha como significado original o tempo de vida de um ser humano, qualquer que fosse ele. Num longo deslizamento semântico, ela adquiriu o sentido atual, cem anos. Não estamos muito longe do tempo em que “*seculum*” voltará a se aproximar de seu significado original, pois tudo indica que cada ser humano viverá cem anos. De qualquer modo, a gênese de seu significado diz respeito ao humano, não ao divino. É também este o sentido básico da Psicanálise, secular que ela é por excelência. Mantê-la secularizada é a difícil tarefa que nos é imposta, pois a religiosidade totêmica é intrínseca a todos nós. Nossa profano território foi aberto por Freud justamente na fratura entre séculos XIX e XX. Nossa agora, nossa era, nossa fera é o século XXI. Conseguiremos cada um de nós e como grupos dentro da instituição psicanalítica, olhando-nos nos olhos e nos de nossos pacientes, colar a fratura dessas vértebras?



Sociedade Brasileira de Psicanálise
de São Paulo (SBPSP)



[1] Minha era, minha fera, quem ousa,
Olhando-te nos olhos, com sangue
Colar a coluna de tuas vértebras?
Com cimento de sangue - dois séculos-
Que jorra da garganta das coisas?
Treme o parasita, espinha langue,
Filipenso ao umbral de horas novas.

Todo ser enquanto a vida avança
Deve suportar esta cadeia
Oculta de vértebras. Em torno
Jubila uma onda. E a vida como
Frágil cartilagem de criança
Parte seu ápex: morte da ovelha,
A idade da terra em sua infância.

Junta as partes nodosas dos dias:
Soa a flauta, e o mundo está liberto,
Soa a flauta, e a vida se recria.
Angústia! A onda do tempo oscila
Batida pelo vento do século.
E a víbora na relva respira
O ouro da idade, áurea medida.

Vergônteas de nova primavera!
Mas a espinha partiu-se da fera,
Bela era lastimável. Era
Ex-pantera flexível, que volve
Para trás, riso absurdo, e descobre
Dura e dócil, na meada dos rastros
As pegadas de seus próprios passos.

tradução de Haroldo de Campos



AI, QUE MEEEDO!!! PAIXÃO E FOBIA NOS TEMPOS DE HOJE

SÉRGIO EDUARDO NICK

A atração enorme que os filmes de terror têm sobre os expectadores demonstra claramente a paixão que nos move rumo às emoções ligadas ao espectro do pânico e da fobia. Mais recentemente, atividades que estimulam a produção imediata de fortes cargas sanguíneas de adrenalina têm tido uma hegemonia entre os jovens. Há que se experimentar fortes doses de emoção para sentir que se está vivo e gozando!

O medo é uma das experiências ancestrais da humanidade. Ao fazer um extenso estudo sobre Antropologia Social no livro ‘Totem e Tabu’, Freud analisa a hipótese da horda primeva e da morte do pai primevo, e elabora sua teoria ligando a esses dois elementos a origem das instituições sociais e culturais. Em sua análise, Freud indica que “As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o ani-

mal totêmico e evitar relações sexuais com os membros do clã totêmico do sexo oposto. Estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos”. Medo e paixão se mesclam na construção do psiquismo, a paixão ligada às pulsões e o medo ao advento do supereu.

Mas, o que dizer a respeito de medo e paixão nos dias de hoje? Sabemos que vivemos uma época em que o ‘homem freudiano’ deu lugar ao que Dufour chamou de ‘homem pós-moderno’, em que a tônica é o consumo, a imediatez e a constante mudança de referenciais; isso nos leva à demanda por um sujeito borderline, aberto às constantes mudanças, acrítico e pouco disposto a propor quaisquer mudanças ao que lhe é imposto. Em meio a esse estado de coisas cunhado de pós-moderno surgem novos desafios aos psicanalistas, instados a pesquisar formas de desenvolver

o ‘aparelho para pensar os pensamentos’, conforme sugerido por Bion. Patologias como Síndrome do Pânico, TDAH, Anorexia Nervosa, Transtorno Borderline e Depressão invadem nossos consultórios, levando diversos autores a criar termos como *Clinica do Vazio* e *Pacientes de Difícil Acesso* para aludir ao novo que nos desafia, ou ao medo que irrompe sem simbolização. E da paixão incontida surge a violência, que facilmente explode em atos que nos deixam atônitos, como a recente morte de um jovem num estádio de futebol, atingido por um foguete próprio para uso em casos de salvamentos (com o selo da Marinha do Brasil)!

Tais fatos têm raízes variadas que não cabe descrever aqui, mas é certo para nós que essas mudanças nos demandam novas ações, novas aproximações teóricas, e um constante pensar sobre a contemporaneidade. Podemos

verificar como a enorme compressão do espaço-tempo, típica da pós-modernidade, inflige sobre nós uma correria louca em busca de sentido, de descarga e de razão. A maciça busca de imagens para dar conta de um esvaziamento da linguagem já nos dá uma noção das profundas transformações ocorridas na subjetividade humana. As descontinuidades na relação mãe-bebê são muito mais frequentes nos dias atuais, fruto de toda essa mudança nas relações que Bauman chamou de “liquefação”, ou de “amor líquido”. Sua ideia é que as pessoas tendem a trocar de parceiro sempre que este as impeçam de realizar um desejo, ou as obriguem a “diminuir o ritmo da vida”. Sabemos que a enorme compressão temporal que vivemos já afeta o eu no seu nascedouro, uma vez que acarreta muitos impedimentos à relação mãe-bebê, seja pela falta de disponibilidade para o convívio, seja pela ausência de uma estrutura psíquica capaz daquilo que autores renomados chamaram de rêverie (Bion), holding (Winnicott), apego (Bowlby), etc. Como resultado, temos as inúmeras e repetidas lesões narcísicas que engendram pessoas com graves distúrbios na capacidade de pensar, consequência da dificuldade de mediar as pulsões que aportam ao psiquismo. Se não pensamos, como articular nossos impulsos e erigir um Eu capaz de mediar nossas pulsões?

Penso que a liquefação dos ideais, própria do momento contemporâneo, desemboca no desamparo típico dos pacientes atuais; e é a partir dessa ótica que busco propor a ideia de fragilidade psíquica que engendra transtornos fóbicos intensos, como a Síndrome do Pânico. Joel Birman diz que “o mal estar contemporâneo se caracteriza principalmente como dor, e não como sofrimento”, buscando com isso explicitar as novas formas de subjetivação na pós-moder-

nidade. Sua argumentação se baseia na solidão própria da experiência da dor, onde o sujeito se fecha sobre si mesmo, expressando no máximo um murmurio ou um lamento, na esperança de que alguém tome uma atitude que ponha fim à sua dor. Se o socorro não vem, diz Birman: “*a dor pode mortificar o corpo do indivíduo, minando o somático e forjando o vazio da autoestima. Ou então, a dor pode fomentar as compulsões e a violência, formas de descarga daquilo que dói.*” O autor se ancora na afirmação de que a subjetividade contemporânea “é essencialmente narcísica, não se abrindo para o outro”, e que o sujeito narcísico não suporta a ideia de insuficiência. Já o sofrimento seria “uma experiência alteritária”; nela, o outro está sempre presente. O próprio sentimento de medo alude a isso, pois se trata de sofrimento psíquico, onde encontramos a ideia de psíquico e, por consequência, de sentido, de simbolização. As outras formas de descarga propostas por Birman - a ação e o sentimento - também são decorrências da carência de intermediação psíquica, em que a hiperatividade e a explosão emocional tentam dar conta do excesso pulsional. Ao nos depararmos com o paciente fóbico, vemos muitas vezes a expressão dessa carência de intermediação psíquica, em que o desespero e a impotência fazem com que o paciente deposite no médico toda a carga de responsabilidade daquilo que ele não vê como dar conta por si. As contribuições de Mom vão também nesse sentido, pois ele nomeia o objeto fóbico como podendo ter a função de um “objeto acompanhante”, ou “situação acompanhante”. Para Mom, a fobia se presta justamente à evitação da indiferenciação e da angústia de aniquilamento. Nessa linha, temos o estado denominado por Ogden de autista-contíguo. Ogden diz que a raiz dessa posição se encontra em momentos de ter-

ror vividos pelo bebê nos primórdios da vida, terror este que o leva a suspender a atenção dirigida à “mãe ambiental” por meio de uma concentração nas sensações autônomas. É como se o bebê imergisse no seu mundo de sensações para evitar o contato com o terror decorrente das faltas ou descontinuidades advindas do meio ambiente.

O psicanalista francês André Green foi dos autores que recentemente chegaram mais próximos de uma rearticulação metapsicológica da fobia. Ao postular a ideia de uma Posição Central Fóbica, Green procura fazer um estudo que ajude o psicanalista a compreender e manejar esses estados fóbicos e suas resistências. Ele explica que as análises de sujeitos fóbicos mostraram que encontramos “formas muito mais extensas”, com “formas de angústia muito mais invasivas” do que o sintoma neurótico fóbico descrito por Freud. Novamente aqui encontramos um autor descrevendo a carência do registro simbólico, levando os psicanalistas a buscarem outras teorizações que expliquem formações sintomáticas raramente apoiadas em mecanismos de simbolização que o deslocamento teria permitido constatar. Ao definir o funcionamento mental desses pacientes, Green aponta para o impedimento associativo entre temas que possam aflorar na consciência. “*O resultado global não pode ser compreendido pela referência a um evento traumático único, por mais profundo e intenso que ele seja, mas pelas relações de reforço mútuo entre eventos, cujo conjunto criará uma desintegração virtual nascida da conjunção de diferentes situações traumatizantes que fazem eco umas nas outras. É portanto necessário conceber, na comunicação do paciente, as condensações que se apresentam como cruzamentos, inquietantes, pois se tornam o nó de encontros onde se entrecruzam diferentes linhagens traumáticas.*” Aqui é importante salien-

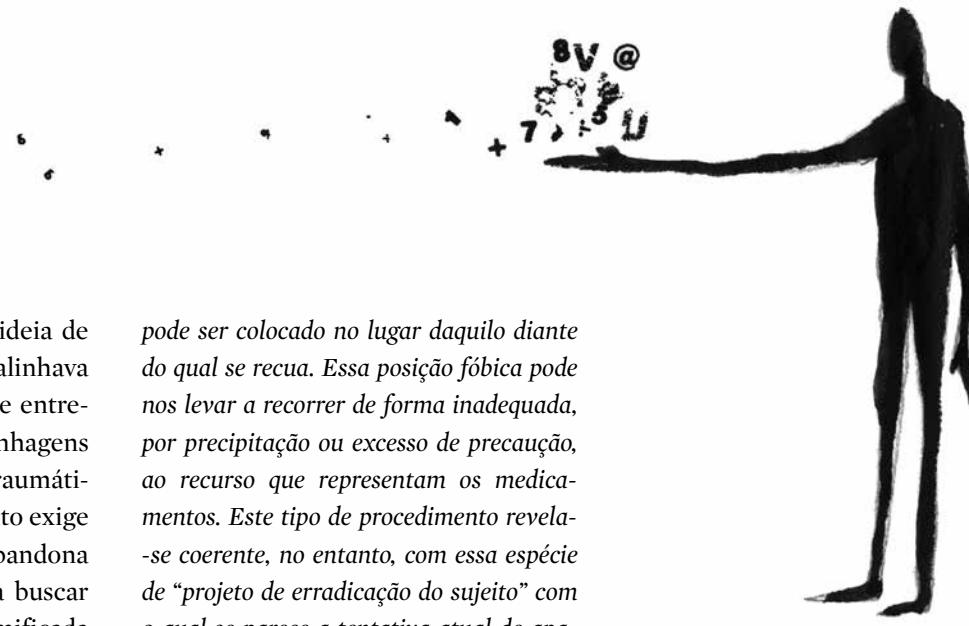


ilustração: três design

tar que Green, ao descartar a ideia de um evento traumático único, alinhava a presença de ‘nós’ oriundos de entre-cruzamentos de diferentes linhagens traumáticas (as constelações traumáticas). Tal modo de funcionamento exige do analista uma escuta que abandona a linearidade do discurso para buscar o funcionamento em rede, ramificada na coexistência de diferentes temporalidades, lineares e reticulares. Green aponta aqui para a necessidade de se empreender uma escuta complexa, em que o analista deve estar pronto para percorrer diferentes ramos do funcionamento mental em busca de sentidos até então impedidos de se manifestar na consciência. Através de uma profunda teorização metapsicológica, ele propõe o termo “efeitos de irradiação” para demonstrar o interjogo relacional entre as diferentes instâncias psíquicas, as representações psíquicas e “os afetos que as conotam e que comandam sua progressão dinâmica”. Acompanhar o discurso associativo dentro deste referencial significa “melhor apreender as modalidades pré-conscientes da escuta, pelo analista, do discurso, na sessão, com todas suas conotações transferenciais e suas recorrências contratransferenciais.” Green chega a dizer que esse funcionamento seria, portanto, uma fobia de si mesmo, de encontrar-se consigo mesmo. Os pacientes fóbicos teriam assim uma tendência a confundir e a “asfixiar” a emergência de sentido nas sessões, tornando a análise da associação livre uma tarefa exaustiva e frustrante. Apesar das eventuais diferenças teóricas, a noção de claustro proposta por Meltzer se faz aqui presente.

No dizer de Basset: “Para tanto, é preciso ter cuidado em não ocupar uma posição fóbica, de evitação da angústia, na clínica. O tratamento da fobia é, nesse sentido, exemplar da complexidade de um trabalho na transferência, pois o analista

pode ser colocado no lugar daquilo diante do qual se recua. Essa posição fóbica pode nos levar a recorrer de forma inadequada, por precipitação ou excesso de precaução, ao recurso que representam os medicamentos. Este tipo de procedimento revela-se coerente, no entanto, com essa espécie de “projeto de erradicação do sujeito” com o qual se parece a tentativa atual de apagamento da dimensão subjetiva que parece caracterizar a clínica sob substância”.

Claudio Eizirk fez importante trabalho no sentido de assinalar essa miríade de novas teorizações, dizendo que “se observarmos brevemente a literatura analítica, passando por distintas latitudes teóricas e clínicas, veremos que diferentes formulações procuram dar conta dessa nova maneira de entender a relação analítica...”. Assim, o que nos apaixona na clínica de hoje é justo a possibilidade de compreender aquilo que até então nos era inacessível.

Assim, chegamos à compreensão da clínica dentro dessa nova perspectiva delineada por tantos autores, com o advento, por exemplo, da ideia de narrativas (Ferro) ou de narrativas alegóricas, como propõe Nosek. Ferro, a partir de outro vértice teórico, propõe que o discurso tende a ser mais simples e linear porque, na maioria das vezes, o material trazido pelo paciente encontra um aparato constituído pelo setting e pelo analista, predisposto a transformação narrativa das cotas excessivas de sensorialidade. Se as coisas funcionam suficientemente bem, as turbulências protoemocionais e protossensoriais serão transformadas em imagens oníricas, em pensamentos oníricos e, especialmente, terá início o processo que permite a introjeção, no paciente, do método para digerir e transformar através da narração. Por outro lado, quando o analista privilegia os conteúdos, ou ativa-os, antes de cuidar do desenvolvimento de uma mente capaz de

pensá-los, isto pode conduzir a patologias iatrogênicas, situações usualmente denominadas reações terapêuticas negativas ou transferência psicótica. A ideia seria desenvolver, junto ao paciente, algo como uma lenta e gradual capacidade para abrigar dentro de si aquilo que até então não tinha lugar na mente. Ou, especificando melhor, buscamos um lugar para algo da ordem do impensável, do distorcido, ou do que nos habituamos a chamar de atuação ou descarga no corpo. O reconhecimento dessas configurações mentais e seus desenvolvimentos permite, assim, uma visão mais clara do campo analítico, e da constante, útil e interminável interação entre as mentes de paciente e analista. Destarte, à paixão de psicanalizar, mistura de arte e ciência, se une uma teoria e técnica que pode ser transmitida àqueles que vêm nos buscar para formação.



Sociedade Brasileira de Psicanálise
do Rio de Janeiro (SBPRJ)



PASSAGENS INSTITUCIONAIS NA SPB: EXIGÊNCIAS E CONSIDERAÇÕES

SILVIA HELENA HEIMBURGER

As diversas Instituições Psicanalíticas ao redor do mundo possuem requisitos ligeiramente diferentes para o cumprimento de seus rituais de passagem entre os níveis de afiliação de seus Membros. Na Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPB), após ingressar no Instituto de Psicanálise e ser por ele qualificado como psicanalista, o candidato deve cumprir as seguintes exigências para ingressar como Membro: apresentar trabalho teórico-clínico em reunião científica e requerer ao presidente seu ingresso na Sociedade. Desta forma, passará a Membro Associado.

A passagem a Membro Titular é a próxima etapa no aprofundamento do processo de afiliação à Instituição Psicanalítica. Para isso, é necessário ser Membro Associado há pelo menos três anos e ter participação efetiva em atividades científicas e administrativas da SPB.

A solicitação de sua qualificação se dá através de requerimento encaminhado ao presidente, acompanhado de Curriculum Vitae atualizado, trabalhos realizados como Membro Associado, apresentação de trabalho teórico-clínico em reunião científica incluindo duas sessões clínicas consecutivas e recentes, e duas sessões clínicas consecutivas e recentes acompanhadas de breve histórico.

A avaliação de seu pedido é feita por uma comissão composta por três Membros Titulares e o parecer é homologado em Assembleia Geral.

Quais seriam as diferenças dessas duas categorias? Começo pela diferença dos significados dos termos utilizados. Segundo o dicionário Aurélio, associado é sócio ou coligado, e titular é permanente, estável, efetivo. Para ser Membro Associado é necessário cumprir exigências que significam “pedidos impertinentes”, e para Membro Titular preencher preencher “condições necessárias para obtenção de certo objetivo”.

Após ter cumprido as exigências de formação do Instituto que o qualificou como analista, que já representa uma ligação indireta com a Instituição, o candidato pode tornar-se Membro Associado, ou seja, “ligar-se” diretamente à Sociedade.

Na etapa seguinte, após ter preenchido os vários requisitos para a passagem a Membro Titular, ele poderá ocupar cargos como o de presidente e de diretor científico na diretoria da Sociedade, cargos não disponíveis aos Membros Associados. Além disso, caso deseje e apresente as condições exigidas pelo Regulamento do Instituto, o Membro Titular pode tornar-se Professor Titular e Analista Didata. Assim, vemos que o Membro Titular tem um maior comprometimento e mais compromissos institucionais. Talvez isso explique o fato de existir maior número de Membros Associados em comparação com o número de Titulares. Isso costuma dificultar a formação e renovação de chapas para a diretoria e acaba permitindo que professores assistentes atuem

como professores titulares.

Bem, sabemos que a vida institucional é complexa e envolve questões delicadas. Evidentemente, nenhum membro é obrigado a ter funções institucionais ou exercer atividades dentro da Sociedade. Não é a vida institucional que individualmente nos qualifica como psicanalistas. Mas como grupo, a filiação às Sociedades e às entidades maiores (FEBRAPSI, FEPAL e IPA) é o que nos une e identifica. É por este motivo que acredito que quanto mais participação dos Membros na vida institucional tanto de suas Sociedades quanto nos demais grupos que as representam, melhor.



Sociedade Brasileira de Psicanálise
de Brasília (SPB)



PASSAGENS / DESFILADEIRO / RITUAIS DE PASSAGEM

ANA ROSA CHAIT TRACHTENBERG

Este novo espaço do FEBRAPSI NOTÍCIAS, criado para informação e interlocução entre analistas das federadas sobre a Passagem de Membro Associado para Membro Efetivo / Titular, no dizer de Nilde Franch, me remete imediatamente a pensar em outras passagens , as que são necessárias e fundamentais ao ser humano ao longo da vida . Muitas dessas passagens são/estão atravessadas por rituais, ou ritos de passagem das mais variadas formas, nas diversas culturas e ao longo da história do homem. O sujeito é “empurrado” por suas pulsões, por seu desejo, pela cultura, pela família, em direção ao novo.

Passagens e seus rituais de passagem pressupõem muros, fronteiras, pedem transformação, des-acomodam, marcam diferenças, mostram a diferença de gerações e pedem um novo estado de coisas. Assim, transcorrem conforme a lógica edípica, em que há lugar para dois e a paixão não implica morte, mas sim renúncias e lutos.

Passagens são inevitáveis, desejadas e testemunham movimento. Nada será como antes....amanhã...., pois cada passagem des-acomoda o todo.

No seu “oposto”, na lógica do narcisismo, só há passagem para um, em estreitos desfiladeiros , tal como nos contam Edipo e Laio em seu histórico encontro. É a lógica do ou/ou, que diz que um deve morrer para que o outro possa viver, e as diferenças entre sujeitos e entre gerações se apagam.

Entretanto, se há predomínio de

movimento, as novas gerações de psicanalistas, membros associados e membros titulares encontram terreno fértil para construir seu pertencimento institucional crescente em cada passagem, com seus rituais, ancorados e amparados pela lógica edípica. Marcam as diferenças geracionais e o movimento se orienta pelo espírito revolucionário , tal como legou Donald Meltzer .

Na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre - SBPdePA, o Membro do Instituto (categoria anteriormente denominada Candidato e composta por médicos e psicólogos), durante sua formação psicanalítica passará à categoria de Membro Associado ao preencher todos os requisitos da mesma, seguida de aprovação em Assembleia Geral de Membros em votação secreta .

Transcorridos dois (2) anos na condição de Membro Associado, o colega terá o direito de solicitar sua mudança de categoria para Membro Titular. Para tanto, poderá OPTAR por uma das seguintes modalidades :

Sistema de Créditos: o colega evidencia seus conhecimentos em Psicanálise através de trabalhos teóricos e teórico-clínicos por intermédio de publicações, apresentação de trabalhos em congressos e jornadas da IPA, supervisões, colaboração ou coordenação de seminários. A somatória dos pontos adquiridos por esse sistema é o passaporte para sua promoção à categoria de Membro Titular. O interessado deverá

manifestar, por escrito, à Comissão Diretora, seu desejo de mudança de condição societária .

Sistema de apresentação de trabalho teórico-clínico: a produção do interessado será lida por uma comissão de avaliação designada pela Comissão Diretora. Logo após sua aprovação, esse trabalho deverá ser apresentado em Reunião Científica aberta a todos os membros (da sociedade e do instituto).

Os rituais de passagem estariam a serviço de que ...? Talvez a serviço de propiciar, edipicamente, diferenças geracionais, marcando o espírito revolucionário que tende a trabalhar com esforço e olhar para o futuro com alegria, para a chegada de uma nova geração a quem passar as responsabilidades. Reconhecer as diferenças, ser estrangeiro/pertencer e poder transitar pelo desfiladeiro com hospitalidade, tal como Derrida nos ensinou magistralmente.



Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA)



notícias da IPA*

*International Psychoanalytical Association
(Associação Internacional de Psicanálise)

ELEIÇÕES PARA O BOARD DA IPA

O voto eletrônico já foi enviado a cada um dos membros de todas as federadas.

A votação vai de 28/02 a 31/05/2013.

Podemos votar em até sete (07) candidatos da América Latina.

Os eleitos nos representarão e podemos ter acesso a eles por intermédio de seus e-mails ou telefones.

Exerça seu direito de escolha!

Candidatos:

Altamirando Matos de Andrade Júnior (Brasil)

Beatriz de León (Uruguai)

Carlos Ernesto Barredo (Argentina)

Daniel Biebel (Argentina)

Guillermo Carvajal Corzo (Colombia)

Jorge Bruce (Peru)

Margareta Hargitay (Venezuela)

Mónica Siedmann de Armesto (Argentina)

Rosalba Bueno Osawa (Mexico)

Ruggero Levy (Brasil)

Ruth Axelrod Praes (Mexico)

eventos

VIII SIMPÓSIO INTERNACIONAL DELPHOS DE PSICANÁLISE
CENTRO EUROPEU CULTURAL DE DELPHOS - TEMA: "O PAÍ"

Local: Grécia | Data: de 21 a 24 de junho de 2013

www.psychoanalysis.gr/delphi/default.htm

24º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE FEDERAÇÃO
BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

TEMA: "SER CONTEMPORÂNEO: MEDO E PAIXÃO"

Local: Campo Grande - MS | Data: de 25 a 28 de setembro de 2013

www.febrapsi.org.br/congresso/



48º CONGRESSO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE PSICANÁLISE

TEMA: "ENFRENTANDO A DOR - A EXPERIÊNCIA CLÍNICA E O
DESENVOLVIMENTO DO CONHECIMENTO PSICANALÍTICO"

Local: Praga - República Tcheca

Data: de 31 de julho a 3 de agosto de 2013

www.ipa.org.uk

XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE SER CONTEMPORÂNEO: MEDO & PAIXÃO



25 A 28 DE SETEMBRO DE 2013
Campo Grande- MS

informações:
www.febrapsi.com.br/congresso

Nós, membros do Conselho Diretor da FEBRAPS, estamos muito felizes em convidar todos vocês a participar do XXIV Congresso Brasileiro de Psicanálise, que vai acontecer na cidade de Campo Grande entre os dias 25 – 28 de setembro de 2013.

O tema deste congresso foi cuidadosamente escolhido pelo conselho científico composto por representantes de todas as federadas, e irá dar oportunidade de discussões ricas e interessantes.

Com o título “Ser contemporâneo: Medo e Paixão” abre-se um campo de debates para importantes questões que afligem o homem contemporâneo e as repercussões da contemporaneidade em nossa técnica psicanalítica atual.

Neste ano de 2013, o seminal trabalho de Freud – “Totem e tabu” completa 100 anos. Vamos homenagear Sigmund

Freud organizando Painéis que lançam um olhar mais detalhado sobre a obra e sua relação com o homem contemporâneo.

O local onde este congresso vai acontecer é belíssimo. Mergulhado em rica vegetação, o Centro de Convenções Arquiteto Rubens Gil de Camillo oferece excelente espaço físico para nossos debates, além de uma agradável atmosfera para que possamos matar as saudades dos amigos de outras regiões do Brasil e quiçás do exterior.

As inscrições podem ser realizadas diretamente no nosso site www.febrapsi.com.br a partir de 8 de março. O pagamento poderá ser efetuado por meio de boleto bancário ou cartão de crédito.

Todas as informações sobre prazos e valores de inscrição já estão publicadas no site. O primeiro prazo vence em 30

de abril. Agende-se e fique atento para não perder este primeiro prazo, pois o custo depois será maior.

O prazo para o envio de trabalhos de Temas Livres foi prorrogado e vence em 30 de abril. As informações para o encaminhamento de trabalhos já estão expostas no site. As normas e regras para trabalhos que se destinam a concorrer aos Prêmios da FEBRAPS e ao Prêmio oferecido pela Revista Brasileira de Psicanálise também já se encontram no site www.febrapsi.org.br

Escreva seu trabalho, traga suas inquietações e venha compartilhar conosco dias de enriquecimento pessoal e profissional.

Aguardamos vocês em Campo Grande.

palavras da editora

NILDE PARADA FRANCH

Nesta 49^a edição de FEBRAPSI NOTÍCIAS, no eixo “Construção do Analista”, Vera Márcia Ramos, da SPRJ, traça um recorrido histórico sobre mudanças ocorridas em relação ao lugar, à postura, às crenças do analista desde Freud, desconstruindo o analista tradicional e construindo o analista moderno.

Como nos aproximamos do XXIV Congresso Brasileiro, solicitamos de Marcio Giovannetti (SBPSP), estudioso da obra de Giorgio Agamben, sua contribuição no sentido de ampliarmos nossos conhecimentos sobre ‘o que é o contemporâneo’ segundo esse filósofo: “Suas considerações apontam para a complexidade de seu significado: trabalhando com uma temporalidade não homogênea, não diacrônica, não domada, ele re-significa o tempo do agora como a selvageria inerente ao presente, seja ele de que tempo for.” Texto denso, rico, possibilitando reflexão e aprofundamento.

Solicitamos também de Sérgio Nick (SBPRJ) sua contribuição, e ele nos brindou com o texto “Paixão e Fobia nos tempos de hoje”. Sérgio enfatiza a passagem do ‘homem freudiano’ para

o ‘homem pós-moderno’ e os desafios que este traz aos psicanalistas. Do homem neurótico para o borderline, para o desmentalizado, para o homem com poucos recursos, necessitando de ajuda para construir o “aparelho para pensar os pensamentos”. Texto instigante que nos permite reconhecer nossas observações advindas da experiência clínica. No eixo “Passagens” (de Membro Associado para Titular ou Efetivo), Ana Rosa Trachtenberg (SBPdePA) destaca: “Passagens e seus rituais pressupõem muros, fronteiras, pedem transformações, desacomodam, marcam diferenças, mostram as diferenças de gerações e pedem novo estado de coisas. Transcorrem segundo a lógica edípica, em que há espaço para dois”, e ressalta seu oposto, a lógica do narcisismo em que as diferenças tendem a ser apagadas. Silvia Helena Heimburger, da SPB, nos informa como se realiza essa passagem em sua Sociedade.

Por meio do texto gentilmente cedido por Maria Lucila Pelento, da Associação Psicanalítica Argentina, homenageamos J.B.Pontalis, recentemente falecido, e que nos deixa importante

legado como ser humano e como psicanalista.

Chamamos a atenção dos colegas para a eleição para o Board da IPA. Use seu direito de escolha de nossos colegas latino americanos.

XXIV Congresso Brasileiro: Leia os detalhes sobre inscrição, prazos para apresentação de temas livres, posters, trabalhos para concorrer a prêmios! Mantenha-se informado! Sua participação é muito importante! O Congresso é o momento privilegiado para encontros, confronto de ideias, espaço de reflexão e uso da palavra.

Boa leitura a todos e nossos agradecimentos pela atenção!



Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo
(SBPSP)



CONSELHO DIRETOR

Presidente
Gleda Brandão Coelho Martins de Araújo

Secretária Geral
Silvia Helena Heimburger

Tesoureira
Rosaura Rotta Pereira

Diretor do Conselho de Coordenação Científica
Admar Horn

Diretora do Conselho Profissional
Ana Paula Terra Machado

Diretora do Depto de Publicações e Divulgação
Nilde J. Parada Franch

Diretora de Relações Exteriores
Anette Blaya Luz

Diretor Superintendente
Sérgio Antônio Cyrino da Costa

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Admar Horn
Secretário: Daniel Delouya
SBPSP: Vera Regina J.R. Marcondes Fonseca
SPRJ: José de Matos
SBPRJ: Liana Albernaz de M Bastos
SPPA: José Carlos Calich
SPR: Carolina Cavalcanti Henriques
SPB: Mirian Elizabeth Bender Ritter de Gregorio
SBPdePA: Astrid Muller Ribeiro
SPPel: Lúcia Valquiria Souza Grigoletti
SBPPR: Lia Fátima Christovão Falsarella
APERJ_RIO 4: Eliana Lobo
SPMS: Leila Tannous Guimarães
GEPMG: Rosália Lage Martins Bicalho
GEPG: Marília Abrão
GEPFor: Galba Lobo Jr.
GEPCampinas: Martha Prada e Silva

DEPTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO

Editora: Nilde Parada Franch
Co-Editora: Sandra Maria Gonçalves
Corpo Editorial: Maria Aparecida Duarte Barbosa, Maria do Carmo Groke, Patricia Vianna Getlinger, Suely Gevertz

Jornalista Responsável: Helena Prado (MTB 51271)
Site: Q&I- Qualidade e Informática
Projeto gráfico e Diagramação: Três Design
Gráfica: Vida e Consciência

SECRETARIA

Renata Lang Marcel (renata@febrapsi.org.br)

EXPEDIENTE

Federação Brasileira de Psicanálise
Av. N.Sra de Copacabana 540, sala 704
22020-001 – Rio de Janeiro - RJ
Tel/Fax 55 21 2235.5922 / 2545.5138
e-mail: febrapsi@febrapsi.org.br
site: www.febrapsi.org.br